

## Revisão Integrativa da Literatura



## X ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Jequié, 6, 7 e 8 de outubro de 2025

# CAPACITAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA IDENTIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Girlan Freitas Meira<sup>1</sup>  
Emilly Amorim Cardoso<sup>2</sup>  
Fernanda Braga Oliveira<sup>3</sup>  
Juliana Costa Machado<sup>4</sup>

### Introdução

Conhecida mundialmente, a violência intrafamiliar é evidenciada como um problema de saúde pública, com repercussões que vão além das físicas, como também as psicológicas e sociais que afetam não apenas as vítimas diretas, mas o circuito familiar e a sociedade como um todo (Kalra *et al.*, 2021).

No Brasil, esse fenômeno assume proporções significativas, impactando de maneira desproporcional determinados grupos vulneráveis como mulheres, crianças, adolescentes e idosos. Embora haja a existência de um arcabouço legal e de políticas públicas destinadas ao seu enfrentamento, a subnotificação de casos persiste, o que dificulta a real dimensão do problema e a implementação de intervenções eficazes (Machado *et al.*, 2014; Brasil, 2025).

Nesse contexto, um dos fatores que contribuem para a subnotificação e para a continuidade da violência no ambiente familiar está relacionado à fragilidade da resposta institucional. Estudos mostram que os profissionais de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) — especialmente aqueles que atuam na Atenção Primária — costumam ser o primeiro, e muitas vezes o único, ponto de apoio acessado pelas vítimas. Porém, a carência de

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Graduação em Fisioterapia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Integrante do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz (GPVIO).

E-mail: 202110362@uesb.edu.br.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Fisioterapia da UESB, Campus de Jequié. Integrante do GPVIO.

E-mail: 202110361@uesb.edu.br.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Fisioterapia da UESB, Campus de Jequié. Integrante do GPVIO.

E-mail: 202020275@uesb.edu.br

<sup>4</sup> Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da UESB. Vice-líder do GPVIO. E-mail: juliana.costa@uesb.edu.br

capacitação para reconhecer sinais iniciais de violência, assim como para oferecer acolhimento sensível e conduzir adequadamente os casos, configura-se como uma barreira importante (Wanderbroocke *et al.*, 2013).

Dessa forma, o Ministério da Saúde, em publicações estratégicas, já reconhecia a necessidade de orientar os profissionais para a prática em serviço, buscando uma resposta mais coordenada e eficiente (Brasil, 2002).

Com isso, ensinar e capacitar os profissionais de saúde a ver e lidar com a violência intrafamiliar é uma medida fundamental. Dessa forma, cursos com prática, jogos e discussão de casos ajudam a mudar a forma de pensar e aprimorar as habilidades clínicas e garante mais confiança (Withiel *et al.*, 2023; Burns *et al.*, 2022).

Logo, seguir o que diz a Organização Mundial da Saúde, com cursos constantes e práticos, é um caminho promissor para diferenciar conflitos relacionais de situações de violência e dar uma resposta melhor e mais humana (Burns *et al.*, 2022).

## **Objetivo**

O objetivo deste estudo é realizar uma análise da produção científica sobre a capacitação dos profissionais de saúde para identificar e manejar sinais de violência intrafamiliar.

## **Métodos**

O presente trabalho trata-se de uma revisão integrativa da literatura, uma metodologia que permite a síntese de múltiplos estudos de diferentes abordagens metodológicas, como estudos qualitativos e quantitativos, portarias e diretrizes, servindo para construir uma compreensão abrangente sobre o tema. (Mendes; Silveira; Galvão, 2008; Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Por esse viés, a busca de dados será conduzida seguindo um delineamento integrativo e narrativo nas principais bases de dados científicas e bibliotecas virtuais, como: SciELO, LILACS, BVS e PubMed, bem como documentos oficiais de capacitações. A escolha dessas bases garante a inclusão de literatura nacional, regional e internacional, o que é essencial para contextualizar a realidade brasileira dentro de um panorama global.

A questão que norteou a pesquisa foi: "Como a literatura científica descreve a capacitação dos profissionais de saúde na identificação e no manejo da violência intrafamiliar?"

Sendo assim, a estratégia de busca foi construída a partir da combinação de descritores controlados (DeCS/MeSH) e palavras-chave que abrangem o tema central: "capacitação profissional", "educação permanente em saúde", "treinamento em saúde", "violência intrafamiliar", "violência doméstica", "violência contra a mulher", "violência contra a criança", "violência contra o idoso" e "Sistema Único de Saúde". A combinação desses termos, utilizando operadores booleanos como AND e OR, permite uma busca ampla e precisa. Além disso, os idiomas de busca e inclusão foram o português, o espanhol e o inglês.

A busca resultou na identificação de 30 artigos nas bases selecionadas. Após a triagem inicial, com leitura de títulos e resumos, foram selecionados 4 artigos da PubMed e 2 da BVS/LILACS/SciELO. Além disso, outros 4 documentos de relevância nacional foram incluídos por meio de busca manual, totalizando 10 estudos pré-selecionados para leitura completa. Na etapa seguinte, a leitura na íntegra permitiu verificar a aderência dos textos ao objetivo da pesquisa, sendo que os 10 artigos e documentos contemplaram o tema da capacitação dos profissionais de saúde na identificação da violência intrafamiliar ou se aproximaram da discussão em questão. Esses estudos compuseram a síntese final, organizada

em categorias temáticas para uma discussão mais estruturada dos achados.

Nessa perspectiva, para garantir a relevância e atualidade da revisão, foram incluídos artigos originais, revisões de literatura e documentos oficiais publicados entre 2015 a 2025. Esta janela temporal é estratégica para captar a produção científica um pouco mais recente, mas também para incluir estudos seminais que, embora publicados em anos anteriores, como os de Acioli *et al.* (2011) e Machado *et al.* (2014), são cruciais para o entendimento do tema no contexto brasileiro.

## Resultados e Discussão

A análise da literatura revelou um cenário de contrastes. Por um lado, há um reconhecimento da importância da capacitação; por outro, há uma série de barreiras que impedem que o preparo dos profissionais se traduza em uma prática efetiva. A percepção de despreparo, e a falta de protocolos claros são os obstáculos mais frequentemente relatados (Burns *et al.*, 2022; Wanderbroocke *et al.*, 2013).

Essa insegurança não é restrita a uma única categoria profissional, como mostra o estudo de Acioli *et al.* (2011), que relata a dificuldade de fonoaudiólogos em serviços públicos para identificar e manejar casos de violência, evidenciando uma lacuna no conhecimento da rede de referência e proteção.

Ainda, a falta de trabalho interdisciplinar e a ênfase excessiva em rotinas biomédicas, especialmente na atenção primária, são barreiras institucionais que dificultam a abordagem de um problema tão complexo quanto a violência (Wanderbroocke *et al.*, 2013).

Na literatura brasileira, estudos com equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) no Brasil, como o de Machado *et al.* (2014), mostram que a atuação dos profissionais se limita, em grande parte, a ações reativas, com a notificação e o encaminhamento como as principais estratégias. O estudo de Costa *et al.* (2015) com profissionais de ESF em João Pessoa/PB reforça essa percepção, indicando que a insegurança e o despreparo geram dificuldades em identificar maus-tratos e realizar denúncias.

É notável, como apontado por Machado *et al.* (2014), a ausência ou baixa participação de alguns profissionais de saúde, como no caso os médicos em pesquisas sobre o tema, o que levanta a questão de uma lacuna específica na formação e engajamento dessa categoria profissional, enquanto enfermeiros e agentes comunitários de saúde demonstram maior proximidade com a temática. Essa disparidade evidencia a necessidade de direcionar as capacitações de forma mais específica para cada categoria, reconhecendo seus papéis distintos e complementares na rede de atenção.

Apesar dos desafios, a evidência internacional aponta que treinamentos eficazes podem ter um impacto positivo nas atitudes e práticas dos profissionais (Withiel *et al.*, 2023). Contudo, a sustentabilidade desses efeitos é um desafio, uma vez que a literatura aponta que os resultados podem diminuir ao longo do tempo (Arora *et al.*, 2021).

Nessa perspectiva, isso justifica a necessidade de que a capacitação seja um processo contínuo e não um evento isolado, com reforço e atualização periódicos. A importância do apoio da gestão em saúde para a proteção dos profissionais que lidam com casos de violência também é um ponto crucial, como destaca o estudo de Costa *et al.* (2015).

Nesse cenário, a aprovação de projetos de lei como o PL 309/2023 pelo Senado Federal, que busca tornar obrigatória a capacitação das equipes do SUS para o atendimento a mulheres vítimas de violência, sinaliza uma conscientização política sobre a urgência do tema e sobre a necessidade de institucionalizar essa formação, tornando-a parte da rotina dos serviços de saúde (Brasil, 2025).

## Conclusão

A revisão integrativa da literatura permitiu uma visão aprofundada das estratégias de capacitação de profissionais de saúde na identificação da violência intrafamiliar e qual o cenário vigente. Os achados reiteram a necessidade de que essa capacitação seja vista como um processo contínuo, multidimensional e integrado à rotina dos serviços, com forte apoio institucional e articulação intersetorial.

Ainda, a implementação de protocolos clínicos claros, fluxos de encaminhamento bem definidos e a criação de espaços de discussão interdisciplinares são estratégias complementares essenciais que podem potencializar o impacto dos treinamentos.

Portanto, a revisão nos permitir enxergar a precariedade na capacitação dos profissionais de saúde (que podem não levar a súbita intervenção) e a falta de padronização desses recursos educativos para melhor manejo de forma a contribuir de para o debate sobre a necessidade de expandir e qualificar as políticas de educação permanente em saúde. Sendo assim, reforça-se que o preparo adequado dos profissionais é um pilar fundamental para identificar precocemente a violência, reduzir a subnotificação e oferecer um cuidado integral, seguro e humanizado às vítimas e suas famílias.

**Descritores:** Violência na Família. Violência Doméstica. Formação Profissional em Saúde.

**Eixo Temático 1:** A saúde coletiva no enfrentamento da violência.

## Referências:

ACIOLI, R.M. *et al.* Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: identificação, manejo e conhecimento da rede de referência por fonoaudiólogo em serviços públicos de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Rio de Janeiro, v. 11, n.1, p. 21-28, 2011.

ARORA, S. *et al.* Conhecimento, atitudes e práticas de profissionais de saúde treinados para responder à violência contra as mulheres: um estudo pré e pós-intervenção. **Saúde Pública BMC**, [S.l.], v. 21, n.1, p. 1973, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência intrafamiliar**: Orientações e recursos para ações de prevenção, atenção e vigilância. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Senado Federal. aprovada capacitação de equipes de saúde no atendimento a mulheres vítimas de Violência. **Agência Senado**. 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/03/19/aprovada-capacitacao-de-equipes-de-saude-no-atendimento-a-mulheres-victimas-de-violencia>. Acesso em: 20 set. 2025.

BURNS, S. C. *et al.* Avaliação da relação entre treinamento relacionado à violência entre parceiros íntimos e avaliação de problemas de relacionamento por profissionais de saúde mental. **Revista de Violência Interpessoal**, [S.l.], v. 37, p. 15-16, 2022.

COSTA, D. K. *et al.* Concepções e práticas dos profissionais de saúde acerca da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S.l.], v.13, n. suppl.2, p.79-95. 2015

KALRA, N. *et al.* Treinamento de profissionais de saúde para responder à violência de parceiros íntimos contra mulheres. **Banco de Dados Cochrane de Revisões Sistemáticas**. [S.l.], v. 5:CD012423. 2021.

MACHADO, J. *et al.* Violência intrafamiliar e as estratégias de atuação da equipe de saúde da família. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 828–840, jul. 2014.

WANDERBROOKE, A. C.; MORÉ, C. L. Uma abordagem profissional à violência familiar contra idosos em uma clínica de saúde primária. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 12, p. 2513-2522, 2013.

WITHIEL, T. D. *et al.* Treinamento multifacetado e prontidão para responder à violência familiar: uma avaliação prospectiva de coorte. **Revista de Enfermagem Clínica**, [S. l.], v. 32, n. 21-22, p. 7740-7750, 2023.